

SP  
5401

**V CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL**  
*Ambiente X Sociedade*

04 a 09 de Novembro de 2001  
PORTO ALEGRE - RS  
RESUMOS

(13)

239

**DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DO MOGNO**  
**(*Swietenia macrophylla* King) EM FLORESTA NATURAL**  
**NAS REGIÕES DE MARABÁ E RIO MARIA, NO PARÁ**

Baima, A.M.V.<sup>1</sup>; Lopes, J.C.A.<sup>2</sup>; Carvalho, J.O.P.<sup>3</sup>; Silva, J.N.M.<sup>3</sup>; Jennings, S.B.<sup>4</sup>  
 Embrapa Amazônia Oriental, Área de Floresta – Belém, PA, Brasil. cpatu@cpatu.embrapa.br; <sup>1</sup> Eng. Florestal, mestrando, Faculdade de Ciências Agrárias do Pará - FCAP, anadilza@amazon.com.br; <sup>2</sup> Eng. Florestal, M.Sc., Pesq. da Embrapa, carmo@cpatu.embrapa.br; <sup>3</sup> Eng. Florestal, Ph.D., Pesq. da Embrapa, olegario@cpatu.embrapa.br; <sup>4</sup> Biólogo, Ph.D., Pesq. da Univ. de Oxford, UK, stephen.jennings@plant-sciences.oxford.ac.uk

Sabe-se, através da literatura, que o mogno prefere se estabelecer em locais úmidos próximo a rios e áreas alagadas. Entretanto, na Amazônia, há carência de estudos mais detalhados a esse respeito. A comprovação dessa informação poderá se constituir em instrumento importante para o planejamento do manejo das florestas com ocorrência da espécie. Com o objetivo de contribuir nesse sentido, foram realizados mapeamentos de talhões de exploração madeireira na Fazenda Patauá em Marabá, propriedade da Nordisk Timber Ltda. e na Fazenda Mogno II em Rio Maria, propriedade da MG Madeireira Araguaia e Agropecuária Ltda., ambas áreas no estado do Pará. Com os mapas obtidos concluiu-se que, nas duas regiões, as árvores da espécie ocorrem de forma agrupada; a ocorrência da espécie está associada a canais de drenagem ou grutas e à floresta alta densa, por isso há pouca ocorrência em terreno plano, assim como em floresta baixa ou de transição para outro tipo de vegetação; à medida em que o terreno vai tornando-se ondulado, tendendo para a formação de serras, o mogno começa a ocorrer, assim como acontece nas descidas para a formação de grutas ou canais de drenagem; e o agrupamento de mogno em função das características da área deve ser considerado como elemento imprescindível no planejamento do manejo adequado da floresta.

Trabalho produzido pelo Projeto Mogno (08.1999.020) - Embrapa, com apoio do CNPq.

(12)

240

**ESTOQUE DE MOGNO (*Swietenia macrophylla* King)**  
**EM 300 ha DE FLORESTA EXPLORADA SELETIVAMENTE**  
**NA FAZENDA PATAUÁ, NO MUNICÍPIO DE MARABÁ, PARÁ**

Baima, A.M.V.<sup>1</sup>; Carvalho, J.O.P.<sup>2</sup>; Lopes, J.C.A.<sup>2</sup>; Silva, J.N.M.<sup>3</sup>; Jennings, S.B.<sup>4</sup>

Embrapa Amazônia Oriental, Área de Floresta – Belém, PA, Brasil. cpatu@cpatu.embrapa.br; <sup>1</sup> Eng. Florestal, mestrando, Fac. de Ciências Agrárias do Pará - FCAP, anadilza@amazon.com.br; <sup>2</sup> Eng. Florestal, Ph.D., Pesq. da Embrapa, natalino@cpatu.embrapa.br; <sup>3</sup> Eng. Florestal, M.Sc., Pesq. da Embrapa, carmo@cpatu.embrapa.br; <sup>4</sup> Biólogo, Ph.D., Pesquisador da Univ. de Oxford, UK, stephen.jennings@plant-sciences.oxford.ac.uk

O mogno é uma das espécies mais importantes no mercado mundial de madeira, porém pouco se sabe em relação ao seu comportamento na floresta natural. Este estudo quantifica a espécie em 300 ha de floresta, em Marabá, PA, de propriedade da Nordisk Timber Ltda. O clima da região é "Am", com até 250 mm mensais de precipitação. A temperatura média varia de 24°C a 26°C e a umidade do ar de 80% a 85%. O solo é Argissolo Podzólico Vermelho-Amarelo Distríctico. A área sofreu exploração em 1983. Foi inventariada a 100% em 2000, quando todos os indivíduos de mogno com DAP ≥ 15 cm foram registrados, assim como os totos das árvores que foram retiradas em 1983. Estimou-se que antes da exploração havia 27 árvores da espécie nos 300 ha, representando uma área casai de aproximadamente 21 m² e um volume de 1,2 m³. No inventário de 2000 foram registradas 17 árvores, equivalente a 70 m². O mogno não está entre as espécies mais importantes na estrutura da floresta, considerando a sua baixa abundância, frequência e dominância na área. A distribuição diamétrica mostra que foram contadas apenas árvores com DAP > 90 cm e que foram deixadas onze árvores na área, com DAP > 40 cm, assegurando a próxima colheita. A continuidade da espécie poderá ser mantida, considerando que há árvores presentes em quase todas as classes diamétricas e que 76% dessas árvores são maduras e podem estar em fase de reprodução.

Trabalho produzido pelo Projeto Mogno (08.1999.020) - Embrapa, com apoio do CNPq.

241

**PARASITISMO EM *Micropogonias furnieri* (SCIAENIDAE)**  
**POR *Cymothoa excisa* (ISOPODA: CYMOTHOIDAE)**  
**NO SACO DOS LIMÕES, BAÍA SUL, FLORIANÓPOLIS, SC**

José, G.F.; Corbetta, R.; Conceição, J.M.S.  
 CTTMar – UNIVALI – Itajaí, SC. E-mail: corbetta@cttmar.univali.br

Os crustáceos isópodes estão entre os vários grupos de parasitas que ocorrem em peixes e o seu grau de patogenecidade varia em função da espécie hospedeira, do órgão ou estrutura afetada, do número de parasitas e das condições ambientais. Neste trabalho estudou-se o parasitismo de *Micropogonias furnieri* por *Cymothoa excisa*, avaliando-se a classe de tamanho mais parasitada, assim como os danos causados aos hospedeiros. Foram coletados 301 exemplares de *M. furnieri* entre abril e dezembro de 2000, no Saco dos Limões, utilizando-se pesca de arrasto de fundo. Os peixes foram investigados na cavidade bucal, fenda branquial, nadadeiras e superfície corporal, avaliando-se os eventuais danos causados pelos isópodes. Dentro o total de peixes capturados, 40 exemplares estavam parasitados, o que representa 13,28% de parasitismo. Os comprimentos totais, mínimo e máximo, dos exemplares de *M. furnieri* capturados foram 41mm e 233mm, respectivamente. O menor exemplar parasitado tinha 53mm, e o maior 201mm. A classe de tamanho com maior freqüência de parasitismo foi a de 140 a 160mm, com 43,59%, indicando a existência de relação entre o parasitismo e o tamanho do peixe. O mês com maior ocorrência de peixes parasitados foi agosto (outono), com cerca de 58% dos indivíduos parasitados. Não existe relação entre a abundância dos hospedeiros e a freqüência dos parasitas. Os parasitas ocorrem em juvenis que estão no ambiente estuarino para alimentação e crescimento. *M. furnieri* habita fundos de lama, onde se alimenta de pequenos peixes e crustáceos. Este tipo de alimentação facilita a entrada de *C. excisa*, que se alojam na cavidade bucal, onde podem causar enormes danos, inclusive a remoção da língua. Os danos causados por *C. excisa* podem impedir o desenvolvimento de *M. furnieri*, que é uma espécie de peixe das mais comercializadas no litoral sudeste brasileiro.

Financiamento: DER/SC – Superint. da Via Expressa SC-SUL.

242

**ECOLOGIA TRÓFICA DA CAVALINHA (*Scomber japonicus*)**  
**NA COSTA SUDESTE DO BRASIL.**

Rebelo, K.; Schwingel, P.R.  
 CTTMar – UNIVALI – Itajaí, SC.  
 E-mail: schwingel@cttmar.univali.br

A ecologia trófica da cavalinha foi estudada na plataforma continental do sudeste sul do Brasil, de 24°S até 29°S. As amostras (n=13) analisadas foram coletadas de novembro de 1997 a outubro de 2000. O comprimento dos indivíduos (n=348) variou de 190 mm a 309 mm. A cavalinha tem a dieta baseada em organismos do fitoplâncton e zooplâncton. Na avaliação da importância de cada item alimentar foram utilizados dados de freqüência de ocorrência e porcentagem numérica. Para o segundo parâmetro, o fitoplâncton e o zooplâncton foram considerados separadamente devido a superestimação numérica do fitoplâncton. No conteúdo estomacal da cavalinha foram encontrados 64 taxas, sendo 15 do fitoplâncton e 49 do zooplâncton. Os copepódios foram o grupo do zooplâncton mais abundante nos estômagos, constituído principalmente por calanoides (e.g. *Temora stylifera*), harpacticoides (e.g. *Microsetella norvegica*) e poecilostomatoides (e.g. *Oncaeaa sp.*). Outros organismos também foram importantes na dieta como diatomáceas (e.g. *Coscinodiscus sp.*), tintinníneos (e.g. *Tintinnops spp.*), larvas de decápodes (e.g. zoea) e antípodas (e.g. *Themisto gaudichaudii*). A freqüência de ocorrência mostra que presas fitoplânticas da cavalinha como *Coscinodiscus spp.* ocorreram em 20% dos estômagos. O zooplâncton foi representado com maior freqüência pelo taxa *Oncaeaa subtilis* com 34% seguido pelo Copepoda com 29%, *O. venusta* 13%, larvas de Decapoda 11% e *Temora stylifera* com 7%. Para porcentagem numérica, os organismos zooplânticos com maior importância na dieta foram: Hiperídea (29%), Copepoda (17%), *O. subtilis* (15%). Entre as presas fitoplânticas encontradas nos estômagos da cavalinha, *Coscinodiscus spp.* é o item alimentar mais importante numericamente (39%). Neste estudo da alimentação da cavalinha fica evidenciado que a espécie é omnívora, alimentando-se entre o fitoplâncton e o zooplâncton, ou seja, sobre dois níveis tróficos.

Financiamento: Bolsa de estudo art. 170 da UNIVALI.